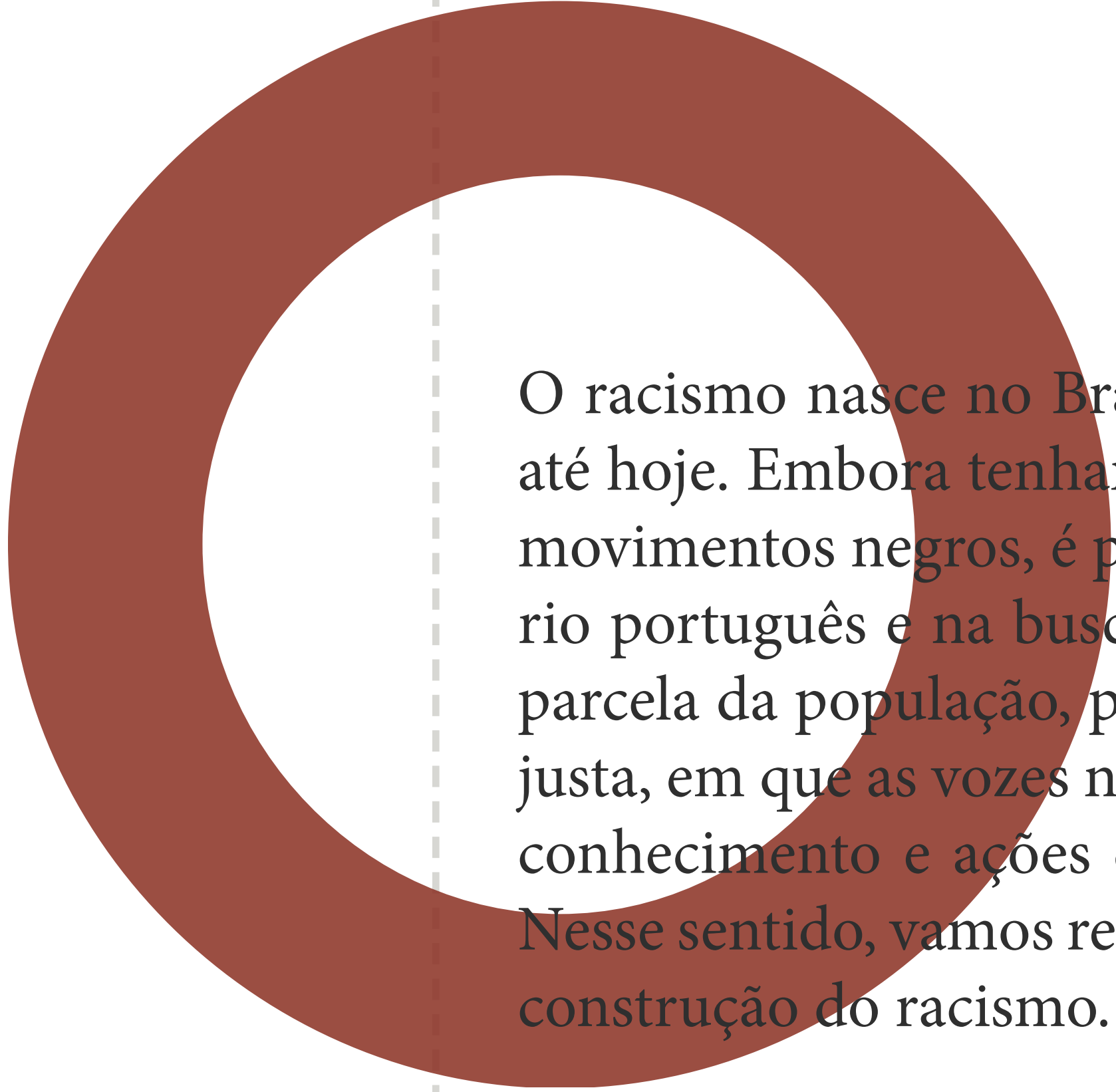


A CONSTRUÇÃO DO RACISMO NO BRASIL

E AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
NA SUA DESCONSTRUÇÃO

Vilma da Silva



O racismo nasce no Brasil com a chegada dos portugueses e permanece até hoje. Embora tenhamos alguns avanços com as ações afirmativas e os movimentos negros, é preciso mudar o pensamento baseado no imaginário português e na busca pelo poder econômico voltado a uma pequena parcela da população, para estabelecer outros projetos de sociedade mais justa, em que as vozes negras sejam ouvidas e as vidas transformadas pelo conhecimento e ações concretas que resultem na igualdade de direitos. Nesse sentido, vamos refletir sobre as relações sociais e a construção e desconstrução do racismo.

A HISTÓRIA DO BRASIL E A CONSTRUÇÃO DO RACISMO

Os portugueses possuíam a melhor tecnologia de navegação do mundo e cultivavam um sentimento de superioridade, que havia no imaginário português católico, o que os motivava a desbravar os mares, conquistar novos territórios e ampliar o reino de Portugal. Transformando, assim, o país numa grande potência econômica, por meio da exploração das terras colonizadas por eles, com base na universalidade do Deus da religião católica, em que o direito era um instrumento de sujeição que mantinha o poder pelo equilíbrio dos interesses econômicos de Portugal e da subordinação do povo.

Quando eles chegaram ao Brasil, encontraram povos indígenas aos quais trataram logo de catequizar, sem considerarem sua cultura, para impor sua soberania e torná-los seus servidores, o que não deu certo, visto que os índios tinham costumes e hábitos muito diferentes e não davam conta de trabalhos pesados. Então, sequestraram os africanos que eram cidadãos fortes e os escravizaram, usando medidas violentas para manter a obediência e submissão aos seus senhores, tratando-os como seres inferiores, de forma desumana, mantendo o poder simbólico dos dominantes e implementando o racismo para a concretização do projeto de exploração eco-

nômica.

Desse modo, os africanos foram fundamentais para esse projeto econômico dos portugueses, pois, além de serem mais fortes que os indígenas, tinham conhecimentos, como tintura, metalúrgica e culinária, necessários a esse projeto de exploração que rendeu lucros aos dominadores e sofrimento aos dominados: os negros, sempre em desvantagem, uma vez que “a comunidade negra foi criada e dominada por uma combinação de forças opressoras e interesse especiais na comunidade branca”, em que o racismo faz parte da estrutura social e funciona como suporte da exploração capitalista. (ALMEIDA, 2018, p. 35).

RACISMO ESTRUTURAL E ESTRUTURANTE

Racismo é o nome que se dá à discriminação e ao preconceito contra pessoas pela sua etnia ou cor, muito comum em nosso país. Mesmo que pessoas como nosso vice-presidente afirmem que “não existe racismo no Brasil”, sabemos que ele está enraizado na mente dos indivíduos, desde o período colonial e continua sendo cultivado em nossa sociedade, seja por questões econômicas, que envolvem as oportunidades de emprego e salários, acesso à educação, saúde e qualidade de vida, seja pela diferenciação no tratamento com os negros, como a abordagem dos seguranças à João Alberto, na loja do Carrefour em Porto Alegre, que resultou na sua morte, por exemplo.

Nesse contexto, o racismo é “um processo em que condições de subalternidade e de privilégio que se distribuem entre grupos raciais se reproduzem nos âmbitos da política, da economia e das relações cotidianas” (ALMEIDA, 2018, p. 27). Esse processo é fruto do imaginário português, de civilizados e incivilizados, que constituiu o racismo de forma estruturante. Mesmo que nosso povo seja miscigenado, tanto nas cores quanto nas culturas, é latente o caráter constitutivo da clivagem entre civilizados e racionalizados, a separação de corpos negros, considerando-os abjetos e perigosos, cujo resultado é violência contra esses corpos, mesmo que integrados na sociedade capitalista e cultural brasileira.

AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO BRASIL E A LUTA CONTRA O RACISMO

Todo ser humano é um ser único e constrói sua identidade no meio em que vive e na relação com os outros.

Nossa relação com a vida social é mediada pela ideologia, ou seja, pelo imaginário que é reproduzido pelos meios de comunicação, pelo sistema educacional e pelo sistema de justiça em consonância com a realidade. Assim, uma pessoa não nasce branca ou negra, mas torna-se a partir do momento em que seu corpo e sua mente são conectados a toda uma rede de sentidos compartilhados coletivamente, cuja existência antecede à formação de sua consciência e de seus afetos. (ALMEIDA, 2018, p. 53).

Considerando isso, não é difícil entender negros reproduzindo comportamentos racistas, mesmo eles sendo as maiores vítimas. Um exemplo comum é o de Almeida (2018, p. 53-54) que conta que, quando assistia Tarzan na sua infância, torcia para ele matar os nativos “negros”, porque ele era o herói, sem se dar conta de sua cor e semelhança com os nativos, que eram os vilões da história. Aliás, na maioria das produções cinematográficas, o negro ainda ocupa as posições consideradas inferiores na sociedade, o que não incentiva ninguém a se autoafirmar “negro” e, muitas vezes, até sentir-se inferiorizado, principalmente, quando o poder aquisitivo da família é baixo.

Para mudar isso, é preciso que as pessoas conheçam as raízes do racismo no Brasil e a necessidade de uma luta antirracista, para a construção de um projeto novo para o país que considere a diversidade cultural, a identidade negra e seus valores, crenças, enfim, que seja ensinado nas escolas a História com o olhar do negro, não só do branco, como foi até hoje, e que as crianças, jovens e adultos tenham contato com contos e histórias de protagonistas negros, a fim de que possam se reconhecer, afirmar a própria identidade, lutar contra o racismo e por uma sociedade verdadeiramente democrática.

A LITERATURA NA AFIRMAÇÃO IDENTITÁRIA E NA DESCONSTRUÇÃO DO RACISMO

A maioria dos livros didáticos e ficcionais destinados às escolas contam a história na perspectiva do branco. Embora já existam alguns exemplares de literatura africana, não há uma ênfase para que todos conheçam a história dos negros, o que contribuiria no conhecimento das origens do povo negro, da sua riqueza cultural e de suas contribuições na formação do povo brasileiro, que se constitui, principalmente, pela miscigenação dos povos indígenas, brancos e negros.

Nesse cenário, cabe aos professores escolher materiais e textos com que os alunos possam se identificar, não só como o exemplo da história do Tarzan, que é branco e os alunos torcem pela sua vitória, mas com protagonistas negros que retratem a cultura dos negros, suas crenças, seus costumes, os modos de se relacionar, de se divertir, de resolver problemas, como no conto *Ayoluwa, a alegria do nosso povo*, da escritora negra Conceição Evaristo, que materializa a negritude e vincula a uma ancestralidade, na qual os negros podem conhecer e se reconhecer, além de afirmar sua identidade, por meio de um outro imaginário, de uma outra perspectiva.

"As políticas voltadas a ações afirmativas", como as cotas nas universidades, também podem contribuir de forma significativa na diminuição das desigualdades sociais entre brancos e negros, bem como no nível de formação, o que aumenta as oportunidades de emprego com melhor remuneração e acesso a cargos de poder que são ocupados, hoje, por uma minoria negra. Essa falta de acesso de pessoas com consciência negra na esfera do poder político resulta na cristalização da invisibilidade negra e na ausência de leis que mudem o quadro de discriminação racial no nosso país.

Por isso, são necessários movimentos cada vez mais fortes de conscientização, de união, de luta, de informação e formação, a fim de que todos possam entender que somos seres humanos com sentimentos, direitos à saúde física e mental, o que não é garantido nem possível às pessoas que sofrem racismo e exclusão social, visto que o atendimento no sistema educacional público e no Sistema Único de Saúde são precários e o investimento é cada vez menor.

Na perspectiva de mudanças e visibilidade negra, é preciso que o racismo esteja relacionado a ações positivas de afirmação de identidade, por meio de debates que resultem em conhecimento sobre a história da origem dos negros e sua resistência desde Zumbi dos Palmares, além das conquistas dos movimentos e ativistas negros. Enfim, como disse o professor Denílson Araújo, “é por meio da educação que o racismo pode ser desconstruído, pois, como as pessoas aprendem a ser racistas, elas também podem aprender a não ser racistas.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista uma História distorcida do Brasil, é inquestionável a necessidade de acesso a textos que contenham a história de todos os povos que constituíram a nação brasileira, especialmente, a história dos africanos, sequestrados e transformados em escravos, conhecida apenas na visão do colonizador, que começa e termina na escravidão, o que afeta as relações étnico-raciais pelo imaginário de superioridade do branco e inferioridade do negro.

Esse imaginário está presente nos meios de comunicação, nas produções cinematográficas, o que não incentiva ninguém a se autoafirmar como “negro”, além de produzir um sentimento de inferioridade e de negação. Por isso, é preciso que as pessoas conheçam as raízes do racismo e a necessidade de uma luta antirracista para mudar esse quadro brasileiro, de forma a considerar a diversidade cultural e a identidade negra.

Para isso, é preciso ensinar a história dos negros, não como escravos, mas como cidadãos que viviam em comunidades africanas com uma estrutura social e cultural, com conhecimentos que contribuíram para o desenvolvimento do país e para a formação da identidade brasileira, o que é invisibilizado pelos historiadores. Outro meio de acesso é a literatura produzida por escritores de consciência negra, pois ela pode dar conta de apresentar um pouco dessa história e ajudar a dissolver o imaginário português arraigado na mente dos brasileiros. E os negros, assim, sabendo da sua ancestralidade, possam reconhecer e afirmar a própria identidade.

Por isso, a importância de debates que favoreçam o conhecimento da origem dos negros, de sua resistência e conquistas, bem como do racismo relacionado a ações positivas de afirmação de identidade, de oportunidade de crescimento intelectual e de acesso ao poder político, além de ensinar as pessoas a não serem racistas. Tais ações podem resultar, assim, numa mudança significativa no imaginário dos brasileiros e, conseqüentemente, nas relações sociais e desconstrução do racismo, mesmo que isso ocorra lentamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Silvio Luiz. O que é racismo estrutural?. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

ALVES, Wedencley. Discurso, Saúde e Racismo: ontem e hoje. Rio de Janeiro, 2020. (1 vídeo) 1h39 min. V curso NEAB/DEGASE 2020. Publicado pelo canal da Escola de Gestão Socioeducativa Paulo Freire. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Dx5ibj3Gp2o>. Acesso em: 11 dez 2020

ARAÚJO, Denílson. Reflexões acerca do genocídio negro no Brasil. Rio de Janeiro, 2020. V curso NEAB/DEGASE 2020. (1 vídeo) 1h41 min. Publicado pelo canal da Escola de Gestão Socioeducativa Paulo Freire. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0THAozy-FKDg>. Acesso em 20 dez 2020.

BARROS, Gisele. Após 1 ano e 9 meses seguranças envolvidos na morte de jovem em supermercado do Rio não foram julgados. Extra. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/apos-1-ano-9-meses-seguranças-envolvidos-na-morte-de-jovem-em-supermercado-do-rio-nao-foram-julgados-24757925>. Acesso em: 11 dez 2020.

DELLA COLETTA, Ricardo; TEIXEIRA, Matheus; ROCHA, Marcelo. No Brasil não existe racismo, é coisa que querem importar, diz Mourão sobre morte de Beto Freitas em mercado. Folha de São Paulo. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/11/no-brasil-nao-existe-racismo-e-coisa-que-querem-importar-diz-mourao-sobre-morte-de-beto-freitas-em-mercado.shtml?pwgt=l4okpecqz-5mr5zpy3xceaseiggb62wb734m6k4f1wmplhfk2&utm_source=whatsapp&utm_medium=social&utm_campaign=compwagift. Acesso em: 11 dez 2020.

FERÉ, L. O poder das palavras: relações de alteridade no seio do povo brasileiro, entre branquitude e negritude. Letrônica, 11(3), s83-s99. (2018). Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/30903> Acesso em 11 dez 2020.

GIL, Aderaldo; Porfiro, André. Laboratório da palavra. Rio de Janeiro, 2020. V curso NEAB/DEGASE 2020. (1 vídeo) 37h12 min. Publicado pelo canal da Escola de Gestão Socioeducativa Paulo Freire. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ie2JKr2L9wc> Acesso em 11 dez 2020.

PARA todos que virão depois de nós. UFJF Notícias. Juíz de Fora, 2020. Pesquisa e inovação. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/noticias/2020/11/26/para-todos-que-virao-depois-de-nos/>. Acesso em: 11 dez 2020.

POLÍCIA diz que apurará motivação racial em assassinato de Beto Freitas no Carrefour. Folha de São Paulo. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/11/delegada-diz-que-morte-de-beto-freitas-no-carrefour-nao-foi-racismo.shtml?pwgt=l4okpef01a0ow5w7eoxsqv7rrs9m1c32zqy3rizbng5zfif6&utm_source=whatsapp&utm_medium=social&utm_campaign=compwagift. Acesso em 11 dez 2020.

RACISMO me tirou a pessoa que mais amava, diz pai de homem assassinado por seguranças no Carrefour. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/11/racismo-me-tirou-a-pessoa-que-mais-amava-diz-pai-de-homem-morto-por-segurancas-no-carrefour.shtml?pwgt=l4okpec7k4y4nprzm97631owi6lp02tk96v8dlb7zpezuzq&utm_source=whatsapp&utm_medium=social&utm_campaign=compwagift. Acesso em 11/12/2020.

SOARES, Fernanda. Maternidades, feminismos e racismo. Rio de Janeiro, 2020. V curso NEAB/DEGASE 2020. (1 vídeo) 59 min. Publicado pelo canal da Escola de Gestão Socioeducativa Paulo Freire. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2SEzjwCovV0>. Acesso em 11/12/2020.

VIEIRA, Lia. Racismo, Linguagem e Poder. Rio de Janeiro, 2020. V curso NEAB/DEGASE 2020. (1 vídeo) 1h12 min. Publicado pelo canal da Escola de Gestão Socioeducativa Paulo Freire. V curso NEAB/DEGASE 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H92cAWkcC-qq>. Acesso em: 11 dez 2020.